

ANO III. Nº 13. Março/2001

# JUSTIÇA & CIDADANIA

WWW.REVISTAJJC.COM.BR

Centro Cultural  
da Justiça Federal

**O assalto nos meios  
de transporte coletivo  
de passageiros**

**Voto de Parlamentar:  
Esconder o quê de quem?**

**Desembargador**

**Arnaldo Esteves Lima**

**Presidente do TRF - 2ª Região**

**Editorial: AFRONTA AO PODER JUDICIÁRIO**





# Cidadania Sim Discriminação Não

Deputado Paulo Paim (PT/RS)



Foto Câmara dos Deputados

Embora alguns falseiem a verdade, a discriminação contra o negro é um fato secular e real, não só na América Latina mas na maioria dos países do mundo.

Ficamos preocupados ao conhecer o resultado de um censo realizado na Bahia, divulgado no mês de agosto de 2000 que concluiu que apenas 15% da população baiana é negra. Este resultado mostra a baixa estima da população negra. Esta baixa estima é responsável pelo fato de não assumirmos a nossa negritude. A discriminação racial é tão forte que cria em grande parte do povo negro um sentimento de recusa de sua identidade.

Seria inócua levantar estatísticas. Seria "chover no molhado" mostrar dados que apontam que o negro, em média, ganha 50% do salário pago ao homem branco. Que a mulher negra recebe 50% do que recebe a mulher branca. Que o negro tem uma representação inferior a 2% nas universidades, no Poder Judiciário, no Executivo, Legislativo e nos cargos de primeiro escalão.

A questão racial não é enfrentada como deveria ser pelos mais variados grupos ideológicos que chegam ao poder.

É só olharmos para os municípios e Estados, e até mesmo para países em que houve alternância de poder entre grupos de matizes totalmente opostas. Os negros são chamados para fazer a campanha eleitoral mas na hora de ocuparem cargos de primeiro escalão são vetados.

A grande verdade que muitos de nós não queremos aceitar é que a comunidade negra é usada sutilmente. A forma mudou, mas a questão de fundo é muito semelhante ao tempo da escravidão.

Este quadro tem que ser alterado! É preciso exigir espaços que a nós não são permitidos ocupar. Temos o direito de exigir o pleno exercício da cidadania. É inaceitável que os nossos filhos sejam discriminados nas escolas, nos clubes, nos lugares públicos, nas lojas, nos bancos, nos empregos, nas ruas, hospitais, e até num ato de prisão.

Assistimos a forma como o mundo busca compensações para os que foram discriminados durante a guerra. É claro que concordamos com essas indenizações. Mas

a pergunta que fica é, e os 500 anos de escravidão, seqüestros, estupros, tortura e assassinatos em massa? Qual a reparação? Aos negros, nada!

A exploração criminoso não é só uma história do passado - é o passado e o presente - se nada for feito, continuará no futuro.

Ao apresentarmos o Estatuto da Igualdade Racial que contempla a questão da discriminação no Projeto de Lei 3198/00 foi com o objetivo de reparar em parte os crimes cometidos contra o povo negro ao longo da história.

Na Câmara dos Deputados foi formada uma Comissão Especial para, a partir do Estatuto da Igualdade Racial por nós apresentado, discutir a questão do preconceito no país. Essa comissão será formada por 31 parlamentares, representantes de todos os partidos políticos. Esperamos que o assunto seja debatido com a profundidade e seriedade que merece, ainda neste ano. A sociedade organizada deverá participar dessa discussão, de forma intensiva e ostensiva, inclusive convidando a comissão para verificar "in loco" a situação do povo negro no Brasil. Desde visitas às terras dos quilombos, morros, favelas, campo e cidade para verificar as condições de saúde, moradia, alimentação, educação, trabalho, esporte, lazer e cultura, bem como o direito à indenização aos descendentes afro-brasileiros.

Sabemos que é uma dívida impagável porque a vida e a dignidade não têm preço. Apesar dessa visão, é fundamental

**"Gostaríamos de contar com o apoio irrestrito dos índios para que quando gritássemos VIVA O POVO INDÍGENA, exigimos a demarcação das terras dos índios; eles gritassem: VIVA OS AFRODESCENTES, queremos a titularidade das terras que eles têm direito."**

mudar tudo o que for possível para o futuro da nossa gente.

Gostaríamos de ver aprovada uma política de parceria com os sem terra para que quando disséssemos VIVA O MST, queremos a reforma agrária; eles dissessem: VIVA A COMUNIDADE NEGRA, queremos também a regulamentação das terras dos quilombos.

Gostaríamos de contar com o apoio irrestrito dos índios para que quando gritássemos VIVA O POVO INDÍGENA, exigimos a demarcação das terras dos índios; eles gritassem: VIVA OS AFRODESCENTES, queremos a titularidade das terras que eles têm direito.

Gostaríamos que outros povos que tiveram nosso apoio na hora da reparação, inclusive financeira e que também sofreram no passado, gritassem que os negros também têm que ter direito à reparação, assim como eles, pois o povo negro foi o que mais sofreu sob o regime escravocrata de outras raças.

Criam-se fundos neste país para todos os fins. Por que não um fundo para reparar os crimes cometidos contra o nosso povo?

Queremos ver os estudantes defendendo estas bandeiras e, por exemplo, o sistema de cotas para os estudantes negros, como nós defendemos as propostas da UNE. Queremos ver os professores defenderem uma política de cotas para os negros no Ensino, assim como sempre defendemos as postulações dos professores.

Gostaríamos que os sindicalistas defendessem as bandeiras da comunidade negra, como verbas do FAT destinadas à formação do povo negro.

Gostaríamos que os intelectuais deste país assumissem com clareza a defesa das

propostas dos negros. Para que não caíamos no erro de somente ficar filosofando sobre o assunto.

Gostaríamos que os artistas e a imprensa ajudassem a desmistificar a farsa da democracia racial. Que os empresários que discriminam na hora de contratar e pagar os negros, mostrassem que esta prática é condenável e que será varrida para sempre.

Que os médicos defendessem projetos para doenças como a hipertensão arterial e a anemia falciforme que acometem os negros, assim como nós sempre defendemos melhores condições de trabalho para esta categoria, principalmente na área da Saúde Pública.

Gostaríamos de ver os governos fazendo campanha para a adoção de crianças, maioria negra nos orfanatos. De que a sociedade e suas instituições defendessem os meninos de rua, também negros em sua maioria.

Gostaríamos de ver campanhas para a valorização do salário mínimo, pois é na base da pirâmide social que se encontra a maioria do povo negro. Hoje as campanhas acontecem para elevar os altos salários e congelar o salário mínimo.

Gostaríamos que todas as igrejas assumissem a discussão desta triste realidade que massacra, humilha e fere de forma contundente o coração e a auto estima dos negros.

Tudo que aqui citamos nos parece verdadeiro e nos coloca diante de uma realidade em que o discurso é um, e a prática é totalmente diferente. Onde estão a solidariedade e a fraternidade?

Ao falar em solidariedade, lembramos os versos que escrevemos mostrando a nossa indignação frente ao preconceito enfrentado pelos negros.

**"Tudo que aqui citamos nos parece verdadeiro e nos coloca diante de uma realidade em que o discurso é um, e a prática é totalmente diferente. Onde estão a solidariedade e a fraternidade?"**

**"Assistimos a forma como o mundo busca compensações para os que foram discriminados durante a guerra. É claro que concordamos com essas indenizações. Mas a pergunta que fica é, e os 500 anos de escravidão, seqüestros, estupros, tortura e assassinatos em massa? Qual a reparação? Aos negros, nada!"**

## NEGRO DA LATINO AMÉRICA

Há livros que falam sobre as velas abertas da América Latina.

Ah, como seria bom se a história ou as canções falassem das velas cortadas dos negros latino-americanos.

Que bom seria se os poetas falassem que o direito à terra por nós trabalhada foi sempre negado.

Que bom seria se pudéssemos conhecer os heróis negros da nossa América.

Não importa se os escravocratas trocaram até seus nomes de origem.

Não importa se eles não podiam falar o dialeto africano.

Que bom seria se os versos relatassem os crimes cometidos contra este povo, rebelde e guerreiro, que foi ferido na alma, coração e estima.

Andamos pelo continente, por terra e por mar, e vimos o que não gostamos: O negro afastado, excluído e discriminado. Sonhamos com uma vida de paz, alegria e liberdade.

Na realidade encontramos suor, sangue e lágrimas.

Que essas gotas de sofrimento arrancadas do nosso corpo se tornem pérolas para iluminar a nossa jornada, porque deixar de sonhar e lutar,

Jamais, Jamais, Jamais! ■

Deputado Paulo Paim é do PT do Rio Grande do Sul